

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



VINCULAÇÃO À MÃE EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO  
COM E SEM IRMÃOS

Ana Elisa Fortunato Miguel

Nº 12571

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

VINCULAÇÃO À MÃE EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO  
COM E SEM IRMÃOS

Ana Elisa Fortunato Miguel

Dissertação orientada por: Prof. Doutora Ângela Vila-Real

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação Prof. Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta Tese foi fruto de muita persistência e dedicação, e sem algumas pessoas provavelmente impossível.

A recolha dos dados para este trabalho foi muito difícil, várias foram as escolas e associações que recusaram participar, os meses iam passando e a motivação ia diminuindo a cada porta que se fechava a par com o passar dos meses. O meu muito obrigado àqueles que no final nos concederam uma oportunidade de concluir o nosso trabalho.

À Prof. Doutora Ângela Vila-Real, que me acompanhou especialmente neste último ano e meio e demonstrou sempre disponibilidade e apoio para me conduzir ao longo deste caminho. Obrigada pela partilha de saberes e pelo incentivo no aprofundar de conhecimentos e pesquisa de informação no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Pedro Guedes meu companheiro de “guerra”, pela partilha de informação e pelas trocas de ideias.

Aos professores que facultaram acesso às suas aulas facilitando a recolha da amostra. Sem eles esta investigação não teria ocorrido.

A todos os pais e alunos que disponibilizaram uma parte do seu tempo para a realização do inquérito.

Aos meus pais por todo o amor, apoio e incentivo para a conclusão desta etapa tão importante na minha vida. Nem sempre foi fácil mas eles sempre acreditaram em mim.

À Rita pelo amor e pelo carinho e por me tornar responsável na tarefa de ser um exemplo para ela seguir.

A todos os meus amigos e familiares que estiveram sempre a meu lado, que me apoiaram, que me incentivaram, que acreditaram sempre em mim e que nunca me deixaram desistir.

Ao meu amigo Manuel Mendes pela preciosa ajuda no tratamento estatístico.

E a todos os que de algum modo fizeram parte desta investigação o meu muito obrigado.

## Resumo

Neste estudo pretende-se investigar em que sentido varia a vinculação à mãe em meninas pré-adolescentes com e sem irmãos.

Neste período, da pré-adolescência, ocorrem várias mudanças quer a nível estrutural quer a nível físico, que afectam as adolescentes. Estas procuram entender quem são e qual o seu papel na sociedade em que vivem assim como no meio em que se rodeiam, família e amigos.

Trata-se de um estudo comparativo, onde queremos investigar se nesta fase de reorganização pessoal faz diferença o facto de ter ou não irmãos e se este factor influencia a vinculação à mãe. Para tal foram constituídos dois grupos: adolescentes femininas com e sem irmãos. Utilizamos o Inventário da Vinculação aos Pais e aos Pares – IPPA (Arsmiden & Greenberg, 1987) numa versão portuguesa adaptada. A recolha foi feita em escolas da rede pública e privada na região da grande Lisboa.

Palavras-chaves: vinculação; adolescência; irmãos.

## Abstract

The aim of this study is to investigate how attachment of adolescent girls to their mothers can be different if there are siblings.

During this period, of pre-adolescence, many changes occur both at structural and physical level, which affects adolescents. These try to understand who they are and their role in society in which they live as well in their surroundings, family and friends.

This is a comparative study, in which we want to research if, in this crucial moment of pre-adolescence and personal reorganization, having siblings predispose a change in attachment to their mother. To this propose we built two groups: female adolescents with and without siblings. We use The Inventory of Parent and Peer Attachment – IPPA (Arsmden & Greenberg, 1987), in a Portuguese adapted version. The sample was collected in public and private schools in the region of Lisbon.

Key words: attachment; adolescents; siblings

## ÍNDICE

Introdução .....	8
Vinculação .....	10
Adolescência.....	14
Os irmãos.....	18
Método .....	20
Delineamento.....	20
Participantes .....	20
Instrumento.....	20
Procedimento.....	25
Apresentação e Análise dos Resultados .....	26
Conclusão .....	32
Referências Bibliográficas .....	35
Anexos .....	37

## Introdução

Com o aumento crescente das famílias constituídas apenas por um filho, altera-se também a dinâmica familiar pondo-se assim a questão da alteração da possível vinculação a mãe. A adolescência já é conhecida como uma fase de mudança e conflito quer interno quer externo, podendo então nesta fase surgir alterações na vinculação à mãe. No nosso caso queremos investigar a vinculação das adolescentes entre os 11 e os 14 anos de idade às suas mães e saber se existe alguma diferença significativa pela existência de irmãos. Será que o facto de ter um irmão diminui a vinculação a mãe? Cada vez mais na nossa sociedade as famílias são pai, mãe e filho, será que isso influencia a vinculação como nós até agora a vimos?

A teoria da vinculação é um trabalho de Bowlby. Embora o interesse inicial de Bowlby fosse o de compreender os efeitos da separação ou privação da figura materna no desenvolvimento da personalidade de crianças institucionalizadas e hospitalizadas, estas observações levaram o autor para a questão básica da natureza e qualidade da vinculação da criança à mãe. De acordo com o autor os laços afectivos da criança em relação à mãe assentam na satisfação das necessidades alimentares, que conduzem a uma relação afectiva. (Bretherton, 1992)

Na adolescência os vínculos sofrem alterações; os adolescentes desejam tornar-se independentes dos seus progenitores e, no entanto, pretendem continuar a ter por parte destes apoio e disponibilidade. Por esta altura a maturação biológica que ocorre durante a puberdade e as transformações que ela provoca ao nível do corpo, necessitam de um importante reajustamento do adolescente a si próprio e das pessoas que o rodeiam. O esquema corporal muda; a antiga imagem do corpo torna-se incompatível com a nova percepção. Desperta também o interesse do jovem pelo seu próprio corpo. (Dias Cordeiro, 1979)

Em relação aos irmãos, são poucos os autores que investigam nesta área. Será que ser filho único ou ter irmão faz diferença para o nosso desenvolvimento? Segundo um estudo brasileiro (Revista Brasileira de

Psiquiatria, Vol. 26 n1) os filhos únicos têm um melhor desempenho escolar, menos abusos de álcool e substâncias ilegais. Isto acontece porque os pais estão mais atentos, os filhos são mais vigiados e mais investidos a nível escolar.

Encontramos uma autora portuguesa, Fernandes (2005), cuja tese de doutoramento se baseia neste tema. Esta diz-nos que quando falamos de irmãos falamos de dois factores do desenvolvimento: semelhanças devidas à hereditariedade e diferenças devidas ao meio. Os traços físicos são influenciados pela herança, logo os irmãos têm tendência a ser parecidos na estrutura, tom de voz, psicopatologias, i.e. Estas poucas semelhanças que existem são devidas à partilha do mesmo código genético. Se os irmãos crescem no mesmo meio familiar, deveriam assemelhar-se mais do que se assemelham. Sabemos que os pais se comportam diferentemente em relação a cada um dos seus filhos e mesmo quando as atitudes são semelhantes, os filhos percebem-nas de forma diferente. Será que os irmãos crescem na mesma família?

É neste âmbito que iremos desenvolver o trabalho, passando de seguida a efectuar a revisão de literatura referente aos quadros teóricos da Vinculação e da Adolescência.

## Vinculação

Elaborada a partir de 1958, a teoria da Vinculação foi enriquecida por publicações regulares. Ela visa a compreensão do fenómeno, pelo qual o bebé e a mãe estabelecem entre si laços selectivos e privilegiados. Segundo Bowlby, a vinculação é um sistema primário, específico e presente desde o nascimento. O autor recebeu uma forte influência da Etologia, nomeadamente, com os trabalhos de Konrad Lorenz com gansos que revelavam o comportamento de vinculação. Os trabalhos de Harlow e sua equipa, com macacos também influenciaram Bowlby. Harlow tornou evidente a importância do conforto do contacto em detrimento da alimentação no desenvolvimento das relações sociais precoces.

Por comportamento de vinculação, o autor entende todo o comportamento do recém-nascido que tem como consequência e como função criar e manter proximidade ou o contacto com a sua mãe. Trata-se de manifestações inatas tais como o choro, o sorriso, a sucção, i.e. Assim, o choro tem mais probabilidade de levar a mãe a aproximar-se e a pegar ao colo o seu bebé. A aproximação da mãe proporciona um comportamento social e constitui além disso uma recompensa. A relação mãe-bebé é a primeira que este tem no mundo humano. Esta relação é constituída por tudo o que a mãe faça (com o rosto, a voz, o corpo e as mãos). O bebé nasce já com todas as capacidades para iniciar de imediato uma relação humana privilegiada. (Stern, 1980)

O primeiro ano de vida é o período durante o qual o bebé estabelece uma relação privilegiada com uma determinada figura que, em princípio, lhe confere segurança e protecção através dos seus comportamentos. Assim, Bowlby define o comportamento de vinculação como qualquer forma de comportamento que tem como resultado previsível manter ou estabelecer a proximidade da criança com a figura de vinculação. Esta definição enfatiza a importante função biológica: a protecção do perigo. A vinculação é uma ligação que uma vez estabelecida tende a persistir e a resistir a factores espaciais e temporais.

Bowlby considera que estes comportamentos estão adaptados ao sistema comportamental de cuidados parentais que promove a

manutenção da proximidade com o bebé e visa a sua protecção. Se, nos primeiros tempos de vida, a proximidade com a figura de vinculação é determinada, essencialmente por esta, ao fim de alguns meses a procura de contacto através de comportamentos de vinculação começa a ser, cada vez mais, controlada e exercida pela criança. Por volta dos oito meses, quase todas as crianças reagem quando são deixadas com estranhos através do choro ou da rejeição deste. Isto indica que a criança é capaz de fazer representações da mãe, permitindo fazer comparações na sua ausência e reconhecê-la quando esta regressa.

Mary Ainsworth influenciada pela teoria de Bowlby desenvolveu uma situação experimental denominada “Situação Estranha”. A pesquisa consistiu em estudar como se modifica o comportamento das crianças na presença e ausência da mãe. Os trabalhos de Ainsworth parecem constituir uma prova: a qualidade da vinculação entre o bebé e a mãe influencia de maneira decisiva os outros sistemas relacionais da criança ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Os primeiros vínculos deverão servir de modelo para os que se seguem, na determinação do tipo de pessoas a quem o sujeito se liga e do modo como essas pessoas o tratam. Ainsworth descreveu três tipos de padrão. O primeiro é o vínculo seguro, em que o sujeito está confiante na disponibilidade da figura materna, na sua responsividade e na capacidade para o ajudar em situações adversas. Com esta certeza, sente-se capaz de explorar o mundo. Este sentimento é promovido pelos pais, particularmente pela mãe, por estar disponível para responder com amor, protecção ou conforto quando o filho necessita. O segundo vínculo é o inseguro ambivalente ou resistente, em que o sujeito não está seguro que o progenitor esteja disponível e que responda quando este precisa dele. Em virtude desta incerteza, o sujeito está mais exposto à angústia de separação, sente-se inseguro e ansioso, sem capacidade para explorar o mundo. Neste padrão o conflito é evidente e tem origem no facto do progenitor nem sempre estar disponível. O terceiro padrão, o vínculo inseguro evitante pode surgir da exposição frequente do sujeito a situações de separação, logo não tem confiança de vir a ter uma resposta de ajuda quando a necessita. Pelo contrário, está sempre na expectativa

de ser rejeitado. Neste padrão, o conflito está mais escondido e tem origem no afastamento constante da mãe quando ele se aproxima para obter conforto e protecção. Em situações extremas, o sujeito sofre rejeições constantes.

Um dos principais contributos é então a concepção da figura de vinculação como base segura, a partir da qual a criança pode explorar o mundo que a rodeia. Ainsworth refere que uma criança que desenvolve o sentimento de segurança na relação com os seus pais, se encontra mais predisposta a explorar o mundo e a lançar-se em situações desconhecidas. Se a sua descoberta evocar sentimentos de grande ansiedade, ela poderá facilmente regressar à sua base-segura. Se pelo contrário, a sua relação for insegura, é provável que não se arrisque a afastar-se dela, não confiando que esteja disponível e seja responsiva às suas necessidades de conforto.

Bowlby (1990) concebe a existência de modelos internos, sendo necessário para estes funcionarem um mapa cognitivo do meio onde o indivíduo vive. Este mapa contém apenas uma representação de alguns aspectos do meio. Este é extremamente complexo, visto ser limitada a capacidade dos órgãos sensoriais receberem informação. Assim sendo, é necessário que este mapa esteja centrado apenas nos aspectos mais relevantes, para que deste modo possam os objectivos estabelecidos ser atingidos.

Na teoria de Bowlby, o mundo interno da criança começa a ser desenvolvido com a construção dos modelos internos dinâmicos das figuras de vinculação. A origem destes modelos e a forma pela qual o comportamento de vinculação se torna organizado são entendidos como resultado das experiências de aprendizagem que se iniciam no nascimento e se repetem quase diariamente ao longo da infância e da adolescência. De tal forma que quando as experiências com a figura de vinculação são suficientemente boas, a criança constrói um modelo dessa figura como responsivo e acessível, tendo um modelo do Ego correspondente como valorizado ou merecedor. As crianças consideradas com uma vinculação insegura vivenciam, durante a infância, trocas

frustrantes com os seus pais envolvendo insensibilidade ou rejeição. Logo constroem modelos negativos das suas figuras de vinculação.

“Durante a adolescência, a vinculação aos pais cresce mais fracamente. Outros adultos podem vir a assumir importância maior ou igual à dos pais e a atracção sexual pelos pares entra em jogo. Se por um lado há adolescentes que rompem com os pais, por outro há os que permanecem intensamente vinculados e são incapazes ou recusam dirigir o seu comportamento de vinculação para outros; entre estes dois extremos, encontra-se a grande maioria dos adolescentes cuja vinculação aos pais permanece poderosa, mas em que as ligações a outros têm também muita importância.” (Bowlby in Fleming, 1993)

Segundo Atger (2004) as principais transformações da adolescência são o distanciamento e a transformação dos vínculos anteriores estabelecidos com as figuras parentais; a emergência de comportamentos sexuais e comportamentos relacionados com a prestação de cuidados que possibilitam ao adolescente desenvolver a capacidade para se tornar figura de vinculação.

## **Adolescência**

De acordo com Atger (2004), no início da adolescência, os pais têm um papel de base de segurança emocional a partir da qual o adolescente poderia explorar os estados emocionais que podem surgir no decurso do seu movimento de autonomização. Nesta perspectiva, a última tarefa essencial dos pais enquanto cuidadores é apoiar as capacidades do adolescente para enfrentar os efeitos gerados pela aprendizagem da independência.

No caminho para a diferenciação e a identidade, o desenvolvimento do adolescente é caracterizado pela alternância entre forças de progressão e as paragens sempre rodeadas pela eminente regressão, Blos (1974) citado por Malpique (2003). Esta explica que a pré-adolescência é caracterizada por um jogo entre um movimento regressivo e uma posição defensiva sustentada.

Malpique (2003) diz que ambos os sexos lutam para se libertarem da dependência materna, controlando o desejo sempre presente de se entregar passivamente aos seus cuidados. Esse desejo mais claramente expresso a partir do treino dos esfíncteres (analidade) é reforçado na fase fálica e prolonga-se por toda a latência.

Dias Cordeiro (1979) diz-nos que o luto das imagos parentais é o primeiro organizador no processo de separação-indivuação. De acordo com Malpique (2003), a perda e desidealização das imagos parentais exige um desinvestimento libidinal do objecto perdido, provocando um esvaziamento narcísico do Eu, uma quebra de auto-estima. A púbere sente-se especialmente fragilizada, pois o suporte que lhe advinha das imagos parentais, que faziam parte dos valores com os quais se identificava, estão postos em causa. Foi decepcionada pelos pais, tal como os vê no presente, mas tem receio de decepcioná-los. Experimenta o conflito de abandonar, mas tem medo de ser abandonada. A culpa e a vergonha instalam-se e fazem-na oscilar entre ataques e tentativas de reparação, demonstrando grande instabilidade emocional. A oposição e rebeldia escondem a dependência.

Anna Freud (1965) citada em Dias Cordeiro (1979) descreve o luto na adolescência como “o esforço do indivíduo para aceitar um facto do mundo exterior - a perda do objecto investido - e para realizar as correspondentes alterações no seu mundo interno” – isto é, proceder ao desinvestimento libidinal do objecto perdido. A libido da criança encontra-se inteiramente investida nos seus objectos de amor primitivos. Na altura do desenvolvimento genital as imagos parentais associam-se a fantasmas arcaicos o que provoca no adolescente a necessidade de se distanciar dos seus pais reais.

Para Coimbra de Matos (2002) a adolescência é o período onde a intensidade e a mobilidade mental é uma constante. Esta actividade mental está condicionada, por um lado pela enorme pressão de instintos, e por outro pelo alargamento do conhecimento das pessoas, das coisas, dos fenómenos e de si próprio. É também a busca de uma identidade própria (com os seus sucessos e insucessos) completando o crescimento psicoafectivo próprio da espécie. A nova identidade assumida possibilita a separação definitiva dos modelos formadores, o investimento em novos objectos e o rumo para outros objectivos, representando no final a independência social. A adolescência é por um lado, o tempo do trabalho de luto das figuras parentais (do luto da infância) e por outro, o assumir da identidade própria e da escolha do objecto de amor.

Neste nosso trabalho as jovens encontram-se na fase inicial da adolescência, encontrando-se por isso no início deste processo de individuação. Começam a se afastarem das figuras parentais e a se aproximarem aos seus pares, atingindo posteriormente a tão esperada independência social.

Segundo Mahler (1982) citada por Malpique (2003), a crise puberal, corresponde a um reiniciar do processo de separação-individuação, a uma segunda dessimbiotização. Daí as frequentes oscilações entre angústias fusionais-simbióticas que se podem traduzir em estados de confusão de identidade e o recurso a defesas demasiado rígidas que a asfixiam. Durante a adolescência o conflito localiza-se na luta contra as tendências regressivas.

Coimbra de Matos (2002) conclui que na adolescência há uma mudança de objecto e de objectivos. A crise na adolescência é a sinónimo de mudança de objecto de amor. Isto significa fazer o luto do objecto amoroso infantil e ir ao encontro do objecto libidinal da idade adulta. Além disto é necessário que se verifique a saída dos interesses narcísicos da infância, para os interesses sociais e de grupo, que marcam a vida do adulto. Assim sendo, esta crise resulta de um conflito psíquico entre investimento objectal e investimento narcísico.

A maturação dos órgãos sexuais reaviva a angústia do conflito edipiano, alterando o equilíbrio antes e durante o período de latência. A adolescente sente-se assustada pelo reconhecimento de se ter transformado num objecto possivelmente desejável para o pai e de aumentar a rivalidade com a mãe. Se a ameaça de retaliação por parte da mãe está presente, também é perigoso admitir que a ama e que pode ficar dependente dela. A impossibilidade de aceitar tais fantasias incestuosas fá-la viver a sexualidade como perigosa. De acordo com Malpique (2003), a resolução do Édipo permite a consciência acrescida de se sentir separada dos objectos edipianos e de reduzir a conflitualidade com os mesmos. A criança e a púbere vão amar ou odiar o seu corpo conforme se sentiram amadas ou rejeitadas pelos pais. A forma como esse corpo fálico/castrado passará a um corpo genitalizado integrando pénis ou vagina como órgãos potencialmente activos e fonte de prazer deriva da capacidade de integrar essa representação liberta das fantasias incestuosas e retaliatórias do período edipiano.

Para Blos (2003) o segundo processo de individuação é quando o adolescente se libertar das suas dependências infantis. Na fase de separação-individuação, a existência da mãe como um objecto independente surge mediante o processo de interiorização. O que significa que a formação das representações do objecto e do self delimitam as fronteiras entre o mundo interno e o mundo externo. Até à adolescência, as imagos parentais não são questionadas. Durante a adolescência, estas velhas dependências, assim como os objectos infantis de amor e ódio, voltam a ocupar um lugar na vida emocional. Na

adolescência a desvinculação objectal não ocorre em relação a objectos externos, mas sim em relação aos objectos interiorizados da infância.

Blos (2003) refere ainda que os adolescentes têm algumas resistências em deixar os vínculos objectais infantis que são de extraordinária importância para a sua sobrevivência psicológica. Ao entrar na adolescência é necessária uma desidealização ou humanização do mundo infantil. No entanto esta decepção tem um efeito mais ou menos devastador sobre o self do adolescente. Mesmo se os pais são percebidos pelo adolescente como maus ou prejudiciais, o objecto infantil perfeito nunca deixa de aparecer na mente do adolescente como uma alternativa possível.

De acordo com Blos (1962) a pré-adolescência e a adolescência devem concretizar a renúncia do objecto de amor primário, os pais, como objectos sexuais. Essencialmente, esta fase consiste na renúncia e procura de objecto, e este processo tem repercursões no ego produzindo mudanças que influenciam quer as representações objectais existentes, quer a auto-representação. Consequentemente, o sentido de identidade adquire uma instabilidade até então desconhecida.

## Os irmãos

Como crescem os filhos na família? Os únicos e os que tem irmãos. Para este filho contribuem também as histórias de vida dos próprios pais, a sua relação e as gravidezes anteriores. Daí que o primeiro filho seja o concretizar de todas as idealizações e inseguranças, tornando-se o Salvador. Ser filho único nem sempre é uma benção, tão depressa se pode transformar na reparação narcísica dos pais, como deixá-los submissos a um pequeno príncipe que tiraniza o lado inseguro dos pais.

O papel parental vai-se aprendendo à medida que têm mais filhos. Mas se mais filhos pode ser sinónimo de melhores pais, pode também culminar numa crise pessoal para os pais. Inicialmente era apenas cuidar do filho único, agora com mais filhos, terá de cuidar de cada um deles e gerir a relação entre filhos e entre os parceiros.

Quando do nascimento de um irmão, a relação entre o filho mais velho e o recém-nascido é de ódio e rejeição. O recém chegado rouba a posição privilegiada ao filho exclusivo dos pais. O mais velho tem de se habituar à partilha e à rivalidade com o membro mais novo da família, aquele que precisa mais dos pais. Aos poucos o mais velho interioriza que não se vai poder ver “livre” deste e mostra curiosidade e interesse pelo bebé. Dunn e Kendrick (1986) citado por Fernandes (2005) mostraram num estudo longitudinal com quarenta primogénitos em que observaram as reacções destes face ao nascimento do irmão. Estas autoras verificaram, entre outras coisas, que após o nascimento do irmão há um aumento de discussões entre a mãe e o seu primeiro filho. Estas giram em torno dos sentimentos, motivação e das intenções para com as outras pessoas, quer sobre si mesmo, o que ajuda, segundo este estudo, no aumento da independência e maturidade.

Este estudo observou também que estas discussões acerca do outro (bebé) promove a reflexão sobre as categorias Eu e Outro. Para muitos dos participantes ocorria uma mudança no modo como se referiam a si mesmos. Independentemente das discussões com a progenitora, algumas semanas após o nascimento do bebé, mais de metade dos primogénitos da

amostra davam mostras de maior independência: queriam comer, vestir-se e tomar banho sózinhos, brincam mais tempo sózinhos, alguns deles, deixaram de usar o biberão.

Na relação entre os irmãos, se a diferença de idades entre eles não for muito grande, cedo o mais velho virá no mais novo um companheiro para as brincadeiras, criando assim uma relação de companheirismo, de amor e simpatia. Mas tendo o mesmo nível de desenvolvimento, podem sempre desejar simultaneamente, as mesmas coisas, criando assim competição entre ambos.

Ter só para si o amor e a atenção dos pais pode ser um fardo pesado. Na infância, mais propriamente no período do Édipo, os irmãos parecem ter uma função estruturante, na medida em que ajudam o filho único a desligar-se da relação triangular mãe-pai-filho. Ao filho único são vedadas todas as emoções e o acesso a comportamentos ligados às relações fraternais: a rivalidade, a competição e a dificuldade de se desenredar da problemática edipiana. O facto de ser filho único também traz vantagens. Para além de uma boa auto-estima, a exclusividade fomenta também um maior desenvolvimento cognitivo, nomeadamente verbal.

Em resumo, as maiores diferenças entre únicos e os outros situam-se na esfera do comportamento social ou da relação com o mundo. A constelação familiar de cada indivíduo, até pelo papel que cada um é chamado a desempenhar nesse primeiro grupo de socialização, modela a maneira como se reage face ao outro, determina em que medida se fazem amigos ou não, se tecem vínculos a estes.

Actualmente os casais optam por ter apenas um filho, sendo que esta condição se torna banal e nem sempre originária de situações problemáticas.

Por este motivo parece-nos de grande importância este nosso estudo. Quais as diferenças entre famílias com filhos únicos e com mais de um filho na vinculação à mãe? Será que a tendência actual prejudica as famílias?

## **Método**

### **Delineamento**

O presente estudo tem um carácter comparativo. Assim sendo foram formados dois grupos: meninas sem irmãos e meninas com um ou mais irmãos. Estas encontram-se todas na pré-adolescência e têm entre os onze e os catorze anos de idade.

### **Participantes**

A amostra é constituída por 222 raparigas entre os onze e os catorze anos. Estas frequentam escolas públicas e privadas de Lisboa e concelhos limítrofes (Sintra e Oeiras). As mesmas apresentam uma média de idades de 12,66.

Optou-se por escolher apenas sujeitos de sexo feminino.

Da amostra referida, serão constituídos dois grupos: sem irmãos e com um ou mais irmãos.

### **Instrumento**

#### **IPPA**

#### *Inventory of Parent and Peer Attachment*

No nosso estudo utilizamos o inventário IPPA - Inventário da Vinculação aos Pais e ao Pares, desenvolvido por Armesde e Greenberg (1987) para avaliar a percepção positiva ou negativa que os adolescentes têm da dimensão cognitivo/afectiva da relação com cada um dos progenitores e com os amigos. Pretende-se compreender de que forma essas figuras de referência funcionam como fonte de segurança. (Anexo B)

Como todos, este instrumento também tem vindo a sofrer alterações desde a sua concepção em 1982 sob a forma de *Inventory of*

*Adolescent Attachments*, construída por Greenberg, M., Siegel, J. e Leitch, C. e publicado em 1983.

A sua versão actual em que é abordada separadamente a relação com o pai e a mãe, foi utilizada por Armsden em 1991 na sua tese de doutoramento.

Por cá e segundo Vila-Real (2005) foram realizados trabalhos com este instrumento, concretamente Geada (1990), com jovens adultos; por Neves (1999) com jovens do 7º, 10º e 12º anos; por Soares (1999) que eliminou alguns itens da escala original; e por fim Vila-Real utilizou-o em 2004 na sua tese de doutoramento, com pré-adolescentes (Vila-Real, 2005).

Os autores do inventário, Armsden e Greenberg (1987) sugerem a existência de duas dimensões fundamentais na vinculação: aspectos de comportamento e aspectos cognitivo/afectivos. Em adolescentes, a auto-avaliação permite detectar elementos de busca de proximidade e suporte, mas também as experiências cognitivas moduladas pelos afectos que fazem parte do funcionamento interno das figuras de vinculação. Assim sendo, este tipo de avaliação, reflete a perspectiva do que a vinculação representa e essa relação vista de uma das partes da díade, o adolescente.

A escala tem itens para avaliar a confiança dos adolescentes relativamente à compreensão e respeito que as figuras de vinculação demonstram pelos seus desejos e necessidades; a percepção que têm de que estas figuras são responsivas e sensíveis aos seus estados emocionais, ajudando-os nas suas preocupações. Existem de igual modo itens para avaliar a raiva contra o distanciamento emocional das figuras de vinculação pois esta é vista como reacção a uma ameaça ou mesmo quebra de um vínculo inseguro.

As dimensões avaliadas são três: o grau de confiança mútua, a qualidade de comunicação e a dimensão da raiva ou alienação.

Foi elaborado um questionário para cada uma das figuras com as quais se pretende avaliar a qualidade do vínculo, considerando as três dimensões da vinculação já referidas.

O inventário é constituído por um questionário de resposta individual, com o formato de uma escala de Likert que conta com cinco

pontos graduados em que as possibilidades de resposta para cada uma das questões é de 1 (nunca ou quase nunca) a 5 (sempre).

A escala contém setenta e cinco itens distribuídos por três partes referindo-se à mãe, ao pai e aos amigos. Todos os itens têm correspondente nos progenitores e nos amigos. Há excepções nos itens directamente relacionados com o contexto familiar ou com a alienação.

De acordo com os autores do instrumento, há itens cuja formulação é positiva ou directa e outros cuja formulação é inversa e estes precisam de ser revertidos. Para obtermos a pontuação da escala de vinculação ou de cada uma das dimensões em separado, temos de ter em consideração a formulação directa ou inversa dos seus itens (Vila-Real, 2005).

Quanto maior os valores mais positiva a percepção do vínculo, logo melhor comunicação, mais confiança e menor a raiva.

Com o objectivo de que os resultados finais variem entre zero e cem, operacionalizam-se as diferentes dimensões através das seguintes fórmulas:

## 1. Dimensão da Vinculação Total

### a) Em relação aos pais:

- Questões directas: 1; 2; 4; 5; 7; 12; 13; 15; 16; 19; 20; 21; 22; 24; e 25
- Questões reversas: 3; 6; 8; 9; 10; 11; 14; 17; 18 e 23
- Valor máximo:  $(15 \times 5) - (10 \times 1) = 65$
- Valor mínimo:  $(15 \times 1) - (10 \times 5) = -35$

Visto este inventário a priori estar definido os seus resultados entre zero e 100, com um valor constante de +35, para deste modo podermos comparar todas as dimensões, foi constituída a seguinte fórmula a aplicar:

Itens  $[(1 + 2 + 4 + 5 + 7 + 12 + 13 + 15 + 16 + 19 + 20 + 21 + 22 + 24 + 25) - \text{itens } (3 + 6 + 8 + 9 + 10 + 11 + 14 + 17 + 18 + 23)] + 35$

b) Em relação aos Pares:

- Questões directas: 1; 2; 3; 6; 7; 8; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 19; 20; 21; 24 e 25
- Questões reversas: 4; 5; 9; 10; 11; 18; 22 e 23
- Valor máximo:  $(17 \times 5) - (8 \times 1) = 85 - 8 = 77$
- Valor mínimo:  $(17 \times 1) - (8 \times 5) = 17 - 40 = -23$

Atribuimos um valor constante de +23 para que os valores variem entre zero e 100 segundo a seguinte fórmula:

$$\text{Itens } [(1 + 2 + 3 + 6 + 7 + 8 + 12 + 13 + 14 + 15 + 16 + 17 + 19 + 20 + 24 + 25) - \text{itens}(9 + 10 + 11 + 18 + 22 + 34)] + 23$$

## 2. Dimensão da Confiança Total

a) Em relação aos pais:

- Questões directas: 1; 2; 4; 12; 13; 20; 21 e 22
- Questões reversas: 3 e 9
- Valor máximo:  $(8 \times 5) - (2 \times 1) = 38$
- Valor mínimo:  $(8 \times 1) - (2 \times 5) = -2$

Como os valores devem variar entre zero e 100, a constante é de +2, passando a variar entre zero e 40. A fórmula é a seguinte:

$$\text{Itens } \{[(1 + 2 + 4 + 12 + 13 + 20 + 21 + 22 - 3 - 9) + 2] \times 100\} / 40$$

b) Em relação aos pares:

- Questões directas: 6; 8; 12; 13; 14; 15; 19; 20; 21
- Questões reversas: 5
- Valor máximo:  $(9 \times 5) - (1 \times 1) = 45 - 1 = 44$
- Valor mínimo:  $(9 \times 1) - (1 \times 5) = 9 - 5 = 4$

Atribuimos a constante de -4, dividindo por 40 e multiplicando por 100, assim os valores iram variar entre zero e 100.

$$\text{Itens } \{[(6 + 8 + 12 + 13 + 14 + 15 + 19 + 20 + 21 - 5) - 4] \times 100\} / 40$$

### 3. Dimensão da Comunicação Total

a) Em relação aos pais:

- Questões directas: 5; 7; 15; 16; 19; 24 e 25
- Questões reversas: 6 e 14
- Valor máximo:  $(7 \times 5) - (2 \times 1) = 33$
- Valor mínimo:  $(7 \times 1) - (2 \times 5) = -3$

Como os valores devem variar sempre entre o máximo de 100 e o mínimo de zero, atribui-se uma constante de +3, passando os valores a variar entre zero e 36. A fórmula é a seguinte:

$$\text{Itens } \{[(5 + 7 + 15 + 16 + 19 + 24 + 25 - 6 - 14) + 3] \times 100\} / 36$$

b) Em relação aos Pares:

- Questões directas: 1; 2; 3; 7; 16; 17; 24 e 25
- Questões reversas: não existem
- Valor máximo:  $(8 \times 5) = 40$
- Valor mínimo:  $(8 \times 1) = 8$

Atribuimos uma constante de -8, dividindo por 32 e multiplicámos por 100, para que os valores variem entre zero e 100. A fórmula é a seguinte:

$$\text{Itens } \{[(1 + 2 + 3 + 7 + 16 + 17 + 24 + 25) - 8] \times 100\} / 32$$

### 4. Dimensão da Alienação Total

a) Em relação aos pais:

- Questões directas: 8; 10; 11; 17; 18 e 23
- Questões reversas: não existem
- Valor máximo:  $(6 \times 5) = 30$
- Valor mínimo:  $(6 \times 1) = 6$

A constante nesta dimensão é de -6 passando os valores a variarem entre 0 e 24.

$$\text{Itens } \{[(8 + 10 + 11 + 17 + 18 + 23) - 6] \times 100\} / 24$$

b) Em relação aos pares:

- Questões directas: 4; 9; 10; 11; 18; 22 e 23
- Questões reversas: não existem
- Valor máximo:  $(7 \times 5) = 35$
- Valor mínimo:  $(7 \times 1) = 7$

Atribuimos uma constante com o valor de -7, dividindo por 28 e multiplicando por 100 para os valores variarem entre zero e 100. A fórmula é a seguinte:

$$\text{Itens } \{[(4 + 9 + 10 + 11 + 18 + 22 + 23) - 7] \times 100\} / 28$$

### **Procedimento**

Após a escolha de tema para esta investigação, e com cartas de consentimento informado nas nossas mãos, partimos para as escolas. A aceitação por partes destas foi muito complicada, várias escolas negaram a sua participação, o que atrasou a recolha durante meses. Felizmente encontrámos escolas que nos aceitaram e a nossa investigação pode concluir-se. (Anexo D)

Após o contacto com os concelhos directivos e as professoras de turma, as cartas a informar os pais e encarregadores de educação foram enviadas para casa das alunas. Depois foram combinados dias para a recolha do material. (Anexo E)

Todos os alunos da turma cujos pais autorizaram, responderam ao questionário sem excepções. Foi-lhes explicado o correcto preenchimento e que toda a informação seria confidencial. (Anexo C)

Na folha de rosto dos questionários estavam as instruções para o preenchimento. Na última folha, após o questionário, eram pedidas algumas informações como data de nascimento, ano de escolaridade, se tem irmãos e se sim quantos. Juntamente com a carta de consentimento informado, seguia um pequeno questionário para os pais preencherem

onde lhes era pedido as suas habilitações literárias, profissão, número de filhos, tempo de gestação, se amamentou e se houve separações pós-parto. (Anexo A)

Os dados recolhidos foram inseridos numa base de dados com os respectivos resultados das escalas. Os dados foram então trabalhados no programa estatístico SPSS.

### Apresentação e Análise dos Resultados

Após a recolha dos dados, através do instrumento IPPA (Armsden e Greenberg, 1987) efectuou-se o tratamento estatístico dos mesmos. (Anexo I)

Tabela 1 – Médias da Vinculação por idade

Idades com ou sem Irmãos		Mãe (X)	Pai (X)	Pares (X)
11 anos	Sem Irmãos	80,36	71,07	68,00
	Com Irmãos	77,32	72,61	70,07
12 anos	Sem Irmãos	82,60	75,40	71,00
	Com Irmãos	80,20	73,03	73,73
13 anos	Sem Irmãos	82,68	71,45	77,86
	Com Irmãos	80,58	69,26	77,55
14 anos	Sem Irmãos	79,50	63,10	79,60
	Com Irmãos	74,79	69,23	78,23

Assim, de acordo com os resultados apresentados, e indo de encontro ao gráfico acima apresentado, podemos facilmente concluir o seguinte:

- A vinculação à mãe é a mais alta para as meninas sem irmãos, excepto aos 14 anos, onde esta desce para níveis inferiores aos dos pares;

- Existe uma relação temporal inversa entre a vinculação ao pai *versus* aos pares, tornando-se este último gradualmente mais relevante na vida do indivíduo;
- A vinculação à mãe é sempre superior à do pai;
- Nas raparigas com irmãos, os vários resultados obtidos nas diferentes vinculações são mais próximas;
- Os 12/13 anos é quando atinge o valor máximo de vinculação à mãe;
- O valor máximo de vinculação ao pai é aos 12 anos.

Tabela 2 – Média para Confiança por idade

Idades com ou sem Irmãos		Mãe (X)	Pai (X)	Pares (X)
11 anos	Sem Irmãos	83,04	77,86	71,43
	Com Irmãos	79,29	75,00	72,95
12 anos	Sem Irmãos	86,33	84,83	74,00
	Com Irmãos	83,00	79,58	78,25
13 anos	Sem Irmãos	85,57	79,21	81,59
	Com Irmãos	83,60	77,85	81,84
14 anos	Sem Irmãos	82,13	71,50	82,88
	Com Irmãos	78,38	76,84	83,09

De acordo com os resultados apresentados, podemos concluir o seguinte:

- A confiança à mãe atinge o valor máximo aos 12 anos, para raparigas sem irmãos e com irmãos é aos 13 anos de idade;
- Em relação ao pai, o valor máximo é aos 12 anos para os dois grupos;
- O valor máximo de confiança para os pares é atingido aos 14 anos;

- Enquanto que para os pares a confiança está sempre a aumentar, para os pais existe um aumento dos 11 para os 12 anos, caindo a partir daí;
- Quanto menor a idade das raparigas, maior a confiança à mãe e quanto maior a idade, maior a confiança aos pares, quer analisemos o grupo de raparigas com ou sem irmãos.

Tabela 3 – Média para Comunicação por idade

Idades com ou sem Irmãos		Mãe (X)	Pai (X)	Pares (X)
11 anos	Sem Irmãos	78,18	62,50	65,63
	Com Irmãos	77,78	67,36	68,42
12 anos	Sem Irmãos	79,07	67,04	74,79
	Com Irmãos	79,91	68,24	76,46
13 anos	Sem Irmãos	81,57	62,78	81,39
	Com Irmãos	76,79	58,81	78,66
14 anos	Sem Irmãos	78,06	53,75	84,53
	Com Irmãos	70,18	59,07	78,34

De acordo com os resultados apresentados, podemos concluir:

- A comunicação à mãe cresce até aos 13 anos para raparigas sem irmãos e com irmãos é aos 12 anos;
- Em relação ao pai, é com 12 anos que os valores médios mais são mais elevados, para ambos os grupos;
- O valor máximo de comunicação para os pares é atingido aos 14 anos;
- Para os pares a comunicação está sempre a aumentar;

Tabela 4 – Média para Alienação por idade

Idades com ou sem Irmãos		Mãe	Pai	Pares
		(X)	(X)	(X)
11 anos	Sem Irmãos	19,65	25,89	32,91
	Com Irmãos	26,64	23,64	32,14
12 anos	Sem Irmãos	18,33	27,78	37,62
	Com Irmãos	24,72	30,83	34,76
13 anos	Sem Irmãos	18,75	28,60	25,63
	Com Irmãos	20,06	29,96	28,27
14 anos	Sem Irmãos	22,71	38,33	29,67
	Com Irmãos	23,90	28,19	28,15

De acordo com os resultados apresentados, podemos facilmente concluir o seguinte:

- O maior valor encontrado da alienação à mãe é aos 11 anos para a amostra de raparigas com irmãos, e aos 14 anos para o outro grupo;
- Em relação ao pai temos apenas um único movimento de subida de valores que se inicia aos 11 e acaba com o valor maior aos 14 anos;
- Nos pares constatamos um movimento de “sobe e desce”, mas que aos 14 anos tem um valor menor que aos 11 anos;
- Para os três objectos de vinculação estudados verificamos que os valores de alienação mais elevados são para os pares, seguido do pai.

De modo a que a análise seja o mais exacta possível, foi necessário que numa primeira fase fosse estudada a normalidade das variáveis, quer por grupos pré-estratificados (com e sem irmãos) quer por idade e/ou vinculação por sujeito. (Anexo F)

Com base nessa análise e no que respeita à classe de raparigas sem irmãos, verifica-se que grande parte das variáveis são normais exceptuando as variáveis relacionadas com os pares para os 11 e 13 anos, as variáveis relacionadas com a mãe (12 anos) e ainda na mesma faixa etária as variáveis relacionadas com o pai.

Contudo na classe com irmãos verifica-se uma distribuição de normalidade totalmente linear e pouco variável quer para os pais, quer para os amigos. No entanto não deixa de ser interessante verificar que as únicas variáveis “não-normais” nesta classe pertencam à mãe por todas as idades exceptuando aos 13 anos.

Aos resultados não normalizados, procedemos a uma análise mais aprofundada relativa à diferença das médias, estratificadas por idade e usando como pressuposto o Mann-Withney-Teste e o T-Student-Teste verificamos que para os seis casos possíveis (iteracção entre 11 e 14 anos) não existem diferenças significativas (p-value inferior a 0.05) que possam corroborar o pressuposto da assumpção teórica. (i.e. não existe diferença na vinculação mas sim no desenvolvimento da mesma). (Anexo G)

Com tudo não deixa de ser interessante verificarmos que existe uma significância estatística.

Em seguida procedemos a uma análise estratificada bi-grupal cuja variável resposta era “com irmãos” ou “sem irmãos”. Para tal foi feito o teste de Wilcoxon que emparelhou as várias respostas possíveis por idade e por vinculação dando um total de respostas de 24 possíveis emparelhamentos como podemos ver no quadro seguinte: (Anexo H)

Tabela 5- Wilcoxon Teste por Vinculações, idades e irmãos

Idades / Com ou Sem Irmãos		Pattach-mattach	Aattach-pattach	Attach-mattach
11	Com irmãos	Z = -1,777 (sig = 0,076)	Z = -0,841 (sig = 0,400)	<b>Z = -2,382 (sig = 0,017)</b>
	Sem irmãos	<b>Z = -2,278 (sig = 0,023)</b>	Z = -0,063 (sig = 0,950)	Z = -1,728 (sig = 0,084)
12	Com irmãos	<b>Z = -2,099 (sig = 0,036)</b>	Z = -0,062 (sig = 0,951)	<b>Z = -2,510 (sig = 0,012)</b>
	Sem irmãos	Z = -1,595 (sig = 0,111)	Z = -1,421 (sig = 0,155)	<b>Z = -2,613 (sig = 0,009)</b>
13	Com irmãos	<b>Z = -5,266 (sig = 0,000)</b>	<b>Z = -2,668 (sig = 0,008)</b>	Z = -1,634 (sig = 0,102)
	Sem irmãos	<b>Z = -2,956 (sig = 0,003)</b>	Z = -1,527 (sig = 0,127)	Z = -1,754 (sig = 0,079)
14	Com irmãos	<b>Z = -2,095 (sig = 0,036)</b>	<b>Z = -3,486 (sig = 0,000)</b>	Z = -0,892 (sig = 0,372)
	Sem irmãos	<b>Z = -3,223 (sig = 0,001)</b>	<b>Z = -3,099 (sig = 0,002)</b>	Z = -0,224 (sig = 0,823)

Analisando os resultados obtidos conseguimos inferir que para 50% dos emparelhamentos possíveis existe uma significância estatística para a vinculação.

Por idade, e à medida que o indivíduo se desenvolve conseguimos inferir que existe uma migração muito dispare mas convergente entre a vinculação mãe-pai e mãe-pares para os dois grupos analisados - com irmãos e sem irmãos:

**Com irmãos:** para este grupo verifica-se que a mãe é aquela que apresenta valores de vinculação mais altos, diluindo-se contudo ao longo do seu desenvolvimento tornando os pares (as amigas) o vínculo privilegiado, ocorrendo este processo aos 13 anos.

**Sem irmãos:** também para este verifica-se que a mãe é o vínculo mais forte, existindo também uma migração notória do vínculo da mãe para os pares, ocorrendo este processo não aos 13 anos como no anterior mas sim aos 14 anos.

Concluimos com isto quer através da análise das médias quer através dos testes acima apresentados, que existe um não enviesamento e por conseguinte congruência dos resultados obtidos, nomeadamente na vinculação bastante elevada que a mãe apresenta ate aos 12/13 anos, mas que a mesma é diluída a partir dessa idade em detrimento dos pares.

## Conclusão

O presente estudo envolveu 222 raparigas, com média de idade 12,66 anos. Foi aplicado em escolas do ensino público e privado da região da grande Lisboa. A amostra escolhida pertence ao nível sócio-económico médio e médio-alto. A amostra foi dividida em dois grupos: raparigas sem irmãos e raparigas com irmãos.

Quer para o grupo de filhas únicas quer para o grupo de raparigas com irmãos, a vinculação às figuras parentais tem o seu momento mais alto aos 12/13 anos, começando provavelmente a partir desta data o processo de autonomização. A partir desta altura, os pais deixaram de ser os parceiros privilegiados do vínculo para aos 14 anos já serem os pares na exclusividade o privilegiado.

Em raparigas com irmãos, os valores encontrados para a dimensão da vinculação, são mais próximos, ou seja, estão vinculadas de maneiras parecidas tanto para a mãe, pai e pares. O que nos leva a supor que o facto de terem irmãos, partilhando a atenção e o amor dos pais, as leva a maior equilíbrio. Ou, por outro lado, o facto de existir na família mais pessoas a quem se vincularem, possibilita que o vínculo não seja exclusivo de um dos objectos de amor. Assim sendo, este estudo mostra que quando as jovens têm que partilhar o amor dos pais com irmãos, mais cedo se afastam vinculando-se aos amigos.

O facto de o pai ter o momento mais alto aos 12 anos e depois começar a descer, pode estar ligado ao facto que por volta desta idade surgir a menarca nas raparigas. Por um lado tornam-se mulheres iguais à sua mãe o que as identifica mais com este grupo, por outro ao se sentirem mulheres reavivam o complexo de Édipo, levando a um afastamento do pai com medo.

No nosso estudo vimos que a vinculação à mãe é sempre mais alta que todas as outras. De facto desde muito cedo que as meninas e as suas mães se relacionam. A mãe é a base segura. Desde a sua concepção que é a mãe é o primeiro vínculo, é ela quem cuida, logo é natural que as raparigas se liguem mais a ela. Claro que com o aumento de idade as raparigas estão mais tempo fora de casa e o objecto privilegiado muda,

da mãe para a amiga. Por detrás deste movimento não está só o processo de autonomização mas também o de individuação. A mãe nesta altura já não é a figura idealizada de outros tempos. Agora à que combater a dependência a esta, agora vemos os pequenos defeitos que ela tem. Os pares tornam-se, deste modo, o objecto idealizado, é usual as raparigas passarem o dia todo na escola com a melhor amiga e quando chegam a casa voltam a encontrarem-se ao telefone para juntas discutir o dia. Como se encontram na mesma fase, as duas amigas, percebem-se melhor e juntas se apoiam.

As outras dimensões da vinculação também por nós estudadas foram a confiança, a comunicação e a alienação. No grupo de raparigas sem irmãos, verificámos que o período em que estas confiam mais nas mães é aos 12 anos, enquanto que no outro grupo é aos 13 anos. O que nos leva a pensar que o facto de ser exclusiva aumenta a disponibilidade, a responsividade, logo a confiança. Para o pai, como já referido anteriormente para a vinculação, o valor mais alto encontra-se aos 12 anos e para o grupo de amigos encontramos um movimento de subida constante. Ou seja, ao longo da idade a relação de confiança tende constantemente a aumentar no caso dos pares, verificando-se um movimento inverso para os pais.

Para a comunicação, no grupo de raparigas sem irmãos, o valor crescer até aos 13 anos, fruto da exclusividade e de uma maior proximidade aos pais. Como vimos anteriormente nesta tese, o grupo com irmãos expressa-se mais facilmente, mas a sua comunicação com os pais, diminuí. Isto acontece visto estas não estarem numa relação tão exclusiva e por isso a comunicação acontece não só com os pais mas também com todos os outros elementos do agregado familiar. No grupo de raparigas com irmãos, o auge desta dimensão acontece aos 12 anos.

Na caso da dimensão alienação é curioso ver como os dois grupos reagem de forma tão diferente. Enquanto que no grupo com irmãos o valor mais alto é aos 11 anos, no grupo sem irmãos o valor máximo é aos 14 anos.

Podemos então concluir que não encontramos diferenças estatisticamente significativas para a vinculação, quer para raparigas

com irmãos quer para raparigas sem irmãos. Não há diferença ser ou não filha única. No entanto encontramos diferenças estatisticamente significativas no desenvolvimento da vinculação. As raparigas sem irmãos entram abruptamente no processo de autonomização-individuação aos 14 anos, enquanto que nas raparigas com irmãos este processo se dá aos 13 anos. Verificámos um movimento inversamente progressivo, ou seja, ao mesmo tempo que diminui a vinculação aos pais, aumenta aos pares.

Sendo assim podemos afirmar que a vinculação nas actuais famílias, que privilegiam um único filho, não diferem das famílias com mais filhos. Os vínculos são idênticos, no entanto o processo de separação dos pais é mais lento. Não será só o filho que quer estar mais tempo no “colo” dos pais, mas também os pais que não deixam tão facilmente os seus “passarinhos” voarem.

O presente estudo é concordante com a perspectiva teórica existente. De facto, e como uma dificuldade na elaboração do presente estudo, verificámos a quase inexistência de trabalhos desenvolvidos nesta área. Sugerimos para futuras investigações a utilização de maior variação de escolas podendo atingir uma amostra representativa de toda a população, uma vez que a nossa amostra continha muitas raparigas de classe social média e média-alta. Será que nas raparigas de classe social mais baixa os resultados são os mesmos? Interessante também seria alargar a faixa etária para confirmar a evolução do processo de desvinculação e de que forma varia.

## Referências Bibliográficas

Atger, F. (2004). *Vinculação e Adolescência* in *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Nicole Guerdeney. Lisboa: Climepsi

Armsden, G., Greenberg, M. (1987). *The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence*. *Journal of Youth and Adolescence*, 16,5 427-454

Blos, P. (1962). *On Adolescents: a psychoanalytic interpretation*. New York : Free Press

Blos, P. (1974). *Psychoanalytic study of a child* vol.29. New Haven: Yale University Press

Blos, P.(2003). *Los comienzos dela adolescencia*. Madrid: Amorrortu Editores

Bolwby, J. (1982). *Formação e Rompimento dos laços Afetivos*. São Paulo: Ed. Martins Fontes

Bolwby, J. (1990). *Apego e Perda Vol I*. São Paulo: Ed. Martins Fontes

Bretherton, J. (1992). *The origins of attachment theory: John Bolwby and Mary Ainsworth*. *Deveploment Psychology*, 28 (5), 759-775

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: O Triunfo do Pensamento e a Descoberta do Amor*. Lisboa: Climepsi

Dias Cordeiro, (1979). *O adolescente e a familia: abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar*. Lisboa: Moraes Editores

Fernandes, O. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Dafundo: Oficina do Livro

Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento

Geada, M. (1990). Padrões de Vinculação afectiva e níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento em toxicodependentes e não-toxicodependente. *Jornal de Psicologia*, vol.9 (4/5)

Malpique, C. (2003). *O Fantástico mundo de Alice*. Lisboa: Climepsi

Matos, M. (2005). *Adolescência representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi

Neves, L., Soares, I. E Silva, M.C. (1999). Inventário da Vinculação na adolescência- IPPA in Simões, M., Gonçalves, M.M. e Almeida, L.S. (Eds) *Testes e Provas Psicológicas em Portugal (Vol. 2)*. Braga: APPORT/SHO

Stern, D. (1980). *Bebé-Mãe: primeira relação humana*. Lisboa: Edições Salamandra

Vila-Real, A. (2005). *Ecologia Social, Dinâmica Familiar e Desenvolvimento da Identidade em Pré-Adolescentes – Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto*

## **Anexos**